

Arquivo da agressividade em psicanálise*

Joel Birman

Psicanalista, membro do Espace Analytique e do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor adjunto do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)
E-mail: joelbirman@uol.com.br

Resumo: A intenção deste ensaio é delinear a constituição da problemática da agressividade no discurso psicanalítico, através dos diferentes autores que são fundamentais tanto na constituição do campo analítico quanto nos seus desdobramentos posteriores, numa perspectiva histórica. A leitura aqui proposta pretende esboçar um arquivo sobre a agressividade em psicanálise, enfatizando principalmente as contribuições de Freud, Lacan e Winnicott, que tiveram em Ferenczi um mediador teórico fundamental.

Palavras-chave: agressividade; morte; vida.

Abstract: The aim of that essay is of outlining the constitution of the aggressiveness issue psychoanalytical discourse, through several fundamentals authors, as much in the constitution of the psychoanalytical field, as much in the posterior unfold in a historical outlook. The reading here offered aims to sketch an archives about the aggressiveness in psychoanalysis, underlining mainly the contributions of Freud, Lacan and Winnicott, which had in Ferenczi the fundamental theoretical mediator.

Key-words: aggressiveness; death; life.

* Este ensaio foi escrito com base nas notas que me orientaram na conferência realizada no "X Colóquio Winnicott", que teve como tema "Violência e delinquência", ocorrido na PUC-SP, em agosto de 2005.

Linguagem e ato

Acredito que a escolha de “Violência e delinquência” como tema para o “X Colóquio Winnicott” deve-se à relevância dessas problemáticas na contemporaneidade, não apenas no Brasil, mas em escala internacional. Não apenas no Rio de Janeiro, bem entendido, mas em todo o Brasil.

Assim, a violência e a delinquência marcam cada vez mais a nossa experiência social, em diferentes escalas de grandeza, seja nas relações pessoais, familiares, profissionais ou políticas. Se a delinquência não se inscreve sempre no campo das relações amorosas, apesar de poder estar aí também presente, certamente, a violência se impõe também, cada vez mais, nesse registro do *laço social*. Feliz ou infelizmente, é a constatação inicial que devemos fazer, como ponto zero de reconhecimento da problemática que foi colocada aqui em pauta.

As leituras para estas são múltiplas, como se sabe. Da sociologia à psicanálise, passando pela antropologia, pela filosofia e pela ciência política, as interpretações sobre aquelas são diversificadas e diferentes, mas não necessariamente excludentes. Pelo contrário, podemos entrever, no que concerne a isso, aliás, o reconhecimento efetivo da filosofia, das ciências humanas e das ciências sociais, de que estamos defrontados com uma problemática caracterizada pela *complexidade*, na acepção precisa que foi conferida a esse conceito no discurso teórico de Morin (1994).

Portanto, não existe qualquer possibilidade para a elucidação da violência e da delinquência se nos restringirmos a uma leitura centrada numa disciplina ou noutra, pois a complexidade em pauta exige de todos nós um esforço teórico para a realização de um trabalho *interdisciplinar*. Isso implica dizer que nenhuma disciplina pode pretender impor a sua hegemonia teórica sobre as demais, numa espécie de imperialismo discursivo que, suponho, estamos já superando na atualidade. Com efeito, já se passou há muito o tempo no qual a psicanálise gostaria de dominar e de direcionar a pesquisa centrada nas relações do sujeito com a cultura e a sociedade, como ocorreu nos anos 1930 e 40, quando se constituiu a

colaboração daquela com a etnologia, na tradição norte-americana, num campo teórico que foi intitulado “Cultura e personalidade” (Bastide 1950). Portanto, violência e delinqüência são questões complexas e que exigem de todos nós, pelos imperativos contemporâneos, um efetivo trabalho interdisciplinar, a ser empreendido pela filosofia, pelas ciências humanas e pelas ciências sociais.

Dito isso, é preciso se indagar, antes de mais nada, *como e por que* a psicanálise poderia estar concernida a participar desse debate. Isso não é uma questão líquida e certa, como poderia parecer a um olhar inicial e ingênuo sobre isso. Vale dizer, isso não é evidente. Assim, quando Aichorrrn começou a trabalhar com jovens delinqüentes, em Viena, em 1918, a incorporação do seu trabalho pela comunidade psicanalítica de então encontrou oposições e resistências importantes (cf. Roudinesco e Plon 1997, pp. 25-6). Todos conhecemos já essa ladainha, pelas suas múltiplas e disseminadas repetições que ocorreram posteriormente no campo do movimento psicanalítico internacional, referido a outros temas, quando não é a experiência psicanalítica no seu sentido estrito que está em pauta. Afirma-se, então, sem rodeios: isso não é a “verdadeira” psicanálise, mas apenas uma modalidade espúria dessa, intitulada de psicanálise aplicada.

No seu livro *Juventude abandonada*, publicado em 1925, prefaciado por Freud, aliás, Aichorrrn buscava aproximar os comportamentos anti-sociais dos sintomas neuróticos, situando assim as suas motivações originárias nos laços libidinais constituídos pelos indivíduos na primeira infância (ibid.). No seu prefácio, Freud assinalava que a infância tinha então se transformado no objeto principal da investigação psicanalítica, tomando assim o lugar da neurose, objeto primordial e privilegiado da pesquisa psicanalítica (ibid.).

Não obstante o prefácio elogioso de Freud, o trabalho de Aichorrrn era problemático para a investigação psicanalítica da época. Por que isso? A resposta é simples: Aichorrrn aproximava uma *formação simbólica*, como o sintoma, de algo da ordem do *ato*, equiparando-os, pois, na sua

arquitetura interna. Isso não era evidente para a comunidade analítica, que separava os registros da *linguagem* e da *ação*, como se fossem territórios estrangeiros e impossíveis de serem aproximados.

Por isso mesmo, os indivíduos violentos e delinquentes não seriam passíveis de serem incorporados à experiência analítica, estranhos que eram considerados à pertinência do campo teórico e clínico da psicanálise. Isso porque a problemática da *passagem ao ato* se contrapunha estritamente à do *discurso*.

É claro que o trabalho clínico de outros analistas em campos conexos, como o de Ferenczi e Groddeck, era já conduzido em busca da confluência entre linguagem e ação. Com efeito, toda a clínica ferencziana, desde o final dos anos 1910 (cf. Ferenczi 1974b [1926] e 1982b), assim como a de Groddeck (1969), buscava articular as relações entre palavra, corpo e ação na elucidação da experiência psíquica. No que concerne a isso, aliás, o discurso teórico de Freud era a referência maior para aqueles (cf. Birman 1988), mesmo que suas práticas clínicas se contrapusessem aos cânones da cura-tipo então estabelecidos.

Assim, Freud podia dizer a Groddeck, numa carta, que o conceito de inconsciente era aquilo que costurava efetivamente os registros do somático e do psíquico (Groddeck e Freud 1977). Além disso, incorporou a sugestão deste do conceito de *isso* (id), que se inscreveu, logo em seguida, na segunda tópica (Freud 1989b [1923]).

No que tange a Ferenczi, as novas práticas clínicas não ortodoxas que levou a cabo foram todas sustentadas teoricamente nos novos conceitos metapsicológicos, oriundos da viragem freudiana dos anos 1920, principalmente o de pulsão de morte (Ferenczi 1974b [1926]). Nos desenvolvimentos posteriores, Ferenczi articulou as problemáticas da linguagem da paixão e da linguagem da ternura (Ferenczi 1982c [1932]) com a do infante mal acolhido (Ferenczi 1982d [1929]). Enfim, se me permitem a ousadia, pode-se dizer que Ferenczi começou a constituir um outro paradigma teórico e uma outra matriz clínica para a psicanálise, sobre os quais Winnicott enunciou o seu discurso psicanalítico. Mais

adiante, ainda neste ensaio, vou retomar esses pontos, indicando tudo isso de maneira mais sistemática.

Se estou aqui evocando tudo isso com insistência, é para dizer que a articulação entre os registros da palavra, da ação e do corpo era estranha no tempo inicial do pensamento psicanalítico. Mas essa questão foi sendo progressivamente revirada, a partir dos anos 1950 e 60, de maneira imperativa. Para nós, hoje, isso já é uma evidência. Foi em decorrência dessa transformação que autores como Aichorn, Groddeck e Ferenczi foram reconhecidos e restaurados desde então pela tradição psicanalítica. Com efeito, todos esses analistas foram pioneiros ousados, que já prenunciavam as nossas formas contemporâneas de mal-estar, assim como forjaram modalidades outras de escuta e de cuidado. Por isso mesmo, puderam ser reconhecidos e incorporados à tradição psicanalítica posterior.

Assim, as formas contemporâneas de mal-estar caracterizam-se pelo predomínio dos registros do *corpo*, da *ação* e das *intensidades* na enunciação das queixas dos pacientes, sejam esses frequentadores dos divãs dos analistas, sejam dos consultórios dos psiquiatras ou dos psicoterapeutas. Ao lado disso, os registros da linguagem e do pensamento se empobrecem vivamente nas formas de ser daqueles (Birman 2004, pp. 175-95). Estamos, portanto, bastante distantes dos tempos em que dominavam a cena os analisantes bem-comportados, que se deitavam no divã e associavam livremente como borboletas bem pensantes. As subjetividades, na atualidade, exibem cruelmente as suas feridas corpóreas, as ações e compulsões violentas, assim como a despossessão, que se evidencia com eloquência nas depressões contemporâneas (ibid.).

Em decorrência disso tudo, a problemática da agressividade em psicanálise se impõe hoje de maneira insistente e irrevogável. Por isso mesmo, procurei defrontar-me aqui com essa questão, pela proposição de realizar um confronto sumário entre três teóricos fundamentais do pensamento psicanalítico. Em Freud, Lacan e Winnicott, podemos encontrar certamente três versões sobre a agressividade, com pontos de encontros e desencontros. Em todas, contudo, a contraposição ao discurso teórico

de Melanie Klein se evidencia em surdina, nas suas entrelinhas, pelos diferentes pressupostos presentes naqueles e nesta.

É do que vou tratar aqui a partir de agora.

Da afirmação de si ao mal-estar na modernidade

A problemática da agressividade enunciou-se desde os primórdios no discurso freudiano. Assim, na “Psicoterapia da histeria”, de 1895, essa problemática já se enunciara, pelo viés da questão da resistência (Freud 1971a), no registro estritamente clínico. Porém, nas experiências analíticas de Dora (Freud 1971c [1905]) e do pequeno Hans (Freud 1971d [1909]), a agressividade foi inscrita no registro do sintoma, sendo então responsável pela produção e pela reprodução desse.

Isso implica dizer que a problemática da agressividade não se formulou num momento tardio do discurso freudiano, como supõem equivocadamente alguns intérpretes desse discurso, que formularam que a sua emergência teórica seria correlata à constituição do conceito de pulsão de morte. Pode-se dizer, ao contrário, que o enunciado desse conceito, articulado com a questão da agressividade, foi o ponto de chegada de um longo e tortuoso percurso no pensamento freudiano. Não foi porque Freud colocava toda a ênfase na sexualidade, no quadro da primeira teoria das pulsões (Freud 1962 [1905]), que a agressividade não era já um problema para o discurso freudiano.

É preciso evocar, no entanto, que a dita problemática não tinha ainda uma elaboração teórica autônoma, no contexto do discurso metapsicológico sobre as pulsões. Vale dizer, o discurso freudiano não enunciou a existência de uma pulsão de agressão, como realizou Adler (cf. Kauffman 1996), na medida em que a agressividade foi inscrita na oposição entre as ordens do sexual e da autoconservação. Mesmo posteriormente, quando Freud inscreveu a autoconservação no registro do eu – elaboração realizada em 1910, no ensaio “As perturbações psicogênicas da visão numa perspec-

tiva psicanalítica” (Freud 1973b [1910]), que culminou no conceito de narcisismo em 1914 (Freud 1973d [1914]) –, a agressividade continuou a ser ainda concebida nesse contexto metapsicológico.

Assim, se a agressividade era inscrita nesse contexto teórico, ela pendia ora para o pólo da pulsão sexual, ora para o da pulsão do eu, principalmente para este último. Foi por essa direção que o discurso freudiano se encaminhou ao formular o conceito de pulsão de domínio, no qual o sadismo estaria a serviço do eu para o domínio do objeto (Freud 1962 [1905]). Seria por esse viés, portanto, que a agressividade se articularia com a problemática do poder e da crueldade, segundo a leitura de Major (2003). Contudo, apenas pela reversão masoquista da pulsão, com a incorporação da força pulsional, que se daria apenas num segundo tempo do movimento pulsional, é que o dano causado ao objeto poderia ser efetivamente reconhecido pelo sujeito (Freud 1962 [1905]).

Esse modelo teórico foi aprofundado em “Pulsões e destinos das pulsões” (Freud 1968b [1915]), ensaio que se inscreve em *Metapsicologia*, no qual se tematiza na sua última parte a relação entre o amor e o ódio para o psiquismo de maneira surpreendente. Com efeito, o ódio não seria aqui um amor negativo, tal como se poderia supor pela aparente mutação do ódio em amor. Porém, isso seria uma ilusão, já que o ódio teria uma gênese própria. Com efeito, como nos dizem Laplanche e Pontalis, no *Vocabulário de psicanálise*, “os verdadeiros protótipos do ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do ego pela sua conservação e afirmação” (Laplanche e Pontalis 1967, p. 15). Depreende-se disso, enfim, que a pulsão de domínio se inscreve no registro do eu, que se interessa efetivamente então pela sua conservação e afirmação.

É preciso reconhecer, no entanto, que, com a viragem dos anos 1920, a problemática da agressividade assumiu uma posição mais fundamental no discurso freudiano. Desde “Além do princípio do prazer” (Freud 1989c [1920]), passando por “O eu e o isso” (Freud 1989b [1923]) e “O problema econômico do masoquismo” (Freud 1973e [1924]), até *Mal-*

estar na civilização (Freud 1971e [1930]), a oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte ofereceu um outro quadrante teórico à agressividade.

Em “O problema econômico do masoquismo”, a questão foi colocada por Freud de forma bem concisa e precisa, no que concerne à problemática da agressividade. Assim, se uma parcela da pulsão de morte ficaria a serviço da pulsão de vida e seria então desviada para o exterior, sob a forma de sadismo e agressividade, uma outra ficaria retida e se articularia à pulsão sexual, de modo a constituir o masoquismo erógeno (Freud 1973e [1924]).

Pode-se depreender disso como a formulação metapsicológica, enunciada em “Pulsões e destinos de pulsões”, complexifica-se nesse contexto, pois, agora, a afirmação e a conservação da vida realizam-se pela produção da agressividade, pela intrincação da pulsão de morte compreendida pela pulsão de vida. Vale dizer, a agressividade seria uma maneira crucial de afirmação da vida, sem a qual a morte se apoderaria efetivamente do psiquismo.

Além disso, um *resto* de pulsão de morte seria retido no psiquismo, combinando-se com a sexualidade. A resultante disso é o masoquismo. Portanto, ao lado da agressividade voltada para fora como sadismo, existiria também a que seria voltada para dentro, sob a forma inesperada de masoquismo.

Essas diferentes modalidades de agressividade podem ainda ser mais nuançadas nas suas formas de aparecimento. Isso porque, na estrita dependência da intrincação (fusão) e da desintrincação (defusão) da pulsão de morte e da pulsão de vida, as possibilidades de apresentação da agressividade também se transformariam (Freud 1989b [1923]). Vale dizer, a agressividade estruturante voltada para o exterior se transformaria em violência e *destrutividade*, por um lado, enquanto a que se volta para o interior, em *autodestrutividade*, por outro.

Ao lado disso, nesse outro contexto teórico, a agressividade inscreve-se também nas relações das diferentes instâncias psíquicas, não se restringindo mais então às relações da pulsão e do eu com o objeto. Em

“O eu e o isso”, o discurso freudiano indica muito bem isso, no qual destaca principalmente as relações estabelecidas entre o eu e o super-eu, nas novas interpretações metapsicológicas que propõe, não apenas da melancolia, como também da neurose obsessiva (ibid.). A intrincação e a desintrincação, então as pulsões de vida e de morte, regulariam tais relações entre as instâncias psíquicas em jogo, de maneira que existiria uma gradação da agressividade em pauta nessas duas estruturas clínicas, de forma que o super-eu na melancolia foi figurado como um caldo de cultura da pulsão de morte, em estado puro e quase completamente desintrincado (ibid.).

Nessa nova perspectiva de leitura, portanto, a interpretação da agressividade proposta pelo discurso freudiano contrapõe-se ao que era classicamente formulado, como enunciaram Laplanche e Pontalis (1967) com pertinência. Com efeito, se, classicamente, a agressividade se restringia à relação do sujeito com o outro, na violência que o primeiro exercia sobre o segundo, no discurso freudiano após os anos 1920, a agressividade circula no campo do sujeito de diferentes maneiras: masoquismo e auto-destrutividade, sadismo e destrutividade, e ainda nas relações agressivas estabelecidas entre as diferentes instâncias psíquicas.

Todo esse desenvolvimento teórico confluiu para as diferentes teses sustentadas na obra *Mal-estar na civilização*, na qual a pulsão de morte desintrincada da pulsão de vida, ou, pelo menos, pouco intrincada por esta, seria a matéria-prima por excelência desse mal-estar (Freud 1971e [1930]). Esse seria então caracterizado por diferentes modalidades de agressividade, voltadas, seja para o exterior, seja para o interior do psiquismo, sob as formas da violência, da destruição e da autodestruição. Foi por esse viés, enfim, que o discurso freudiano delineou o mal-estar na modernidade, evidenciando os seus impasses.

Se avaliarmos com uma escuta crítica o que aconteceu historicamente no campo do mal-estar, que aquela obra foi publicada em 1930, é preciso reconhecer que o nível de desintrincação entre a pulsão de vida e a pulsão de morte foi bastante incrementado a partir de então, de maneira progressiva, mas inequívoca. Houve uma diminuição significativa,

portanto, da intrincação entre esses dois pólos pulsionais, de forma que a violência, a destruição e a autodestruição passaram a dominar fartamente a cena social da contemporaneidade. As novas modalidades de mal-estar, presentes na atualidade, evidenciam isso de maneira flagrante e eloqüente. Centradas nos registros do *corpo*, da *ação* e das *intensidades*, enfim, as novas formas de mal-estar que dominam o cenário da contemporaneidade indicam não apenas o alto nível de descarga pulsional presente, como também o baixo nível de simbolização em pauta no psiquismo (Birman 2004, pp. 175-95).

Portanto, se o discurso freudiano recusava a existência da pulsão de agressão no início do seu percurso teórico, esta passou a se evidenciar com pujança posteriormente, destacada que foi como conceito fundamental para a leitura do psiquismo. Porém, continuava a não ter qualquer autonomia metapsicológica, inscrita que essa pulsão foi no contexto do novo dualismo pulsional, polarizado agora entre pulsão de vida e pulsão de morte. Foi concebida agora, enfim, como uma ramificação do conflito estabelecido entre esses dois pólos pulsionais, resultante da intrincação e da desintrincação estabelecidas entre esses, sob as diversas formas da violência, da destruição e da autodestruição.

Se enuncio isso agora, no entanto, é para evocar que quem propôs o conceito de agressão no campo psicanalítico foi Adler, em 1908, articulando a agressividade ao registro do sadismo. Quando Adler apresentou essa proposição nas célebres reuniões das quartas-feiras, da Sociedade Psicanalítica de Viena, Freud concordou com a descrição clínica de Adler, mas criticava-o ao afirmar que a agressividade se inscrevia ainda no campo da libido, não sendo, portanto, o outro desta (Kaufmann 1996, pp. 18-20).

Não se pode esquecer, contudo, que foi Adler quem introduziu os conceitos de intrincação e de desintrincação pulsional, para se referir justamente à fusão e à defusão entre a pulsão sexual e a pulsão de agressão, para se referir ao sadismo (ibid.). De forma que Freud retomou de Adler aquela oposição conceitual para inscrevê-la, agora, no campo do

dualismo entre pulsão de vida e pulsão de morte. Portanto, a formulação teórica de Adler sobre a agressividade em psicanálise, delineada no registro da dominação, teve uma incidência fundamental no posterior discurso freudiano, que o recusou, entretanto, no momento inicial em que foi enunciado por aquele.

O outro em questão

A elaboração teórica do discurso freudiano sobre a agressividade assumiu inicialmente duas direções opostas no posterior discurso psicanalítico. Digo isso para que se possam traçar pontos de articulação, de costura e de ruptura entre diferentes discursos teóricos que foram cruciais para a psicanálise, para que se possa empreender uma *cartografia* do discurso psicanalítico, que se mostre ser, ao mesmo tempo, uma *genealogia* da psicanálise, no que tange à problemática da agressividade.

Assim, se Ferenczi procurou, cuidadosamente, articular o registro da pulsão ao registro do *outro*, sob as formas da pulsão de vida e da pulsão de morte (Ferenczi 1982d [1929]), Melanie Klein enunciou a existência da autonomia do registro pulsional em relação ao do outro (Klein 1975), de maneira que tanto a pulsão de vida quanto a de morte não seriam reguladas no limite pela incidência desse. Portanto, se Ferenczi pressupôs que a pulsão de morte seria intrincada ou desintrincada da pulsão de vida, na dependência estrita de como o infante seria acolhido pelo outro – isto é, bem ou mal acolhido, com as diferentes conseqüências que isso poderia ter sobre o psiquismo –, Melanie Klein não considerou o lugar do outro no campo dos efeitos da pulsão de morte e de suas ramificações psíquicas, quais sejam, a destrutividade e a autodestrutividade.

Dessa maneira, dois diferentes caminhos foram aqui então bem delineados no discurso psicanalítico. Se, num deles, a dinâmica pulsional seria autonomizada do campo do outro, no segundo caminho este seria crucial para o destino a ser percorrido pela pulsão de morte, isto é, a

sua intrincação ou desintrincação com a pulsão de vida. Parece-me, no entanto, que, na leitura freudiana, a questão do outro estava colocada o tempo todo, desde o início do percurso teórico de Freud, não existindo, pois, qualquer autonomia do registro da pulsão em relação ao do outro, na medida em que a pulsão de vida evidencia efetivamente a presença deste. Vale dizer, o discurso de Ferenczi se inscreveu genealogicamente no de Freud, pois retirou as conseqüências metapsicológicas e clínicas do discurso freudiano dos anos 1920, inscrevendo o lugar do outro no campo da dinâmica pulsional (Ferenczi 1974b [1926]).

O que não foi o caso do discurso kleiniano, pelo qual a tal autonomia pulsional se impôs no discurso psicanalítico. Por isso mesmo, a pulsão de morte transformou-se na matéria-prima por excelência da *inveja*, conceito fundamental no pensamento de Melanie Klein (1975). Dessa maneira, ela deslocou a questão em pauta do registro psíquico para o biológico, para tematizar a questão da hereditariedade, que se encontraria presente em certas modalidades de sujeitos, nos quais a inveja seria irreduzível à experiência psicanalítica, nos quais a experiência de *gratidão* se tornaria algo impossível.

Desejo ardente e privação

Sabe-se que, nos diferentes ensaios que escreveu, todos de crítica ao conceito de inveja em Melanie Klein, entre 1959 e 1969, Winnicott enfatizou justamente o que existia de problemático nesses dois aspectos a que me referi acima. Assim, desde a resenha sobre a obra “Inveja e gratidão” (Winnicott 2000b [1959]), publicada em 1959, até “Contribuição a um simpósio sobre a inveja e o ciúme” (Winnicott 2000c [1969]), em 1969, a leitura de Winnicott foi realizada de maneira bem precisa, nesta linha de desenvolvimento teórica que sublinhei, a saber:

1. Antes de mais nada, não se poderia hipostasiar o conceito de hereditariedade na leitura do psiquismo, apesar de se reconhecer devidamente na psicanálise, já desde os tempos de Freud, a dimensão hereditária presente nas tendências psíquicas e nas pulsões, pois isso implicaria o esvaziamento da dimensão relacional daquele.

2. Em seguida, seria preciso destacar a posição estratégica ocupada pelo outro no funcionamento psíquico, na medida em que a dinâmica pulsional se inscreveria no registro do Outro, que definiria o destino das pulsões.
3. Finalmente, se o pólo do outro é esvaziado no funcionamento psíquico, o conceito de psiquismo perderia a sua especificidade teórica, tal como foi delineado no discurso psicanalítico (cf. Winnicott 2000d [1962]; 2000e [1963]; 2000f [1968]).

Nesse contexto, invertendo a leitura da inveja formulada por Melanie Klein, na qual essa seria originária e precoce, supondo sempre a relação dual infante-mãe, Winnicott nos disse que aquilo que Melanie Klein descreveu como inveja já implicaria um maior desenvolvimento psíquico da criança. A experiência psíquica da inveja pressuporia, portanto, uma maior complexidade e sutileza no psiquismo infantil. Portanto, o que Melanie Klein descreveu como inveja, ao invés de ser uma tendência primária e precoce, suporia, ao contrário, que a criança já teria tido uma “boa” experiência anterior com a figura materna, mas que essa teria se perdido. Isso porque teria ocorrido, inevitavelmente, o deslocamento da figura da mãe da posição de sintonia com a criança. Vale dizer, a figura da mãe “suficientemente boa” deixaria aqui de existir, de maneira que a imagem do seio “bom” se transformaria na do seio “mau” e persecutório.

Por isso mesmo, de forma instigante e provocativa, Winnicott pôde enunciar que o que estaria em pauta aqui não seria algo da ordem da inveja, mas de um *desejo ardente* (*eagerness*). Por que isso? Na sua leitura, Winnicott nos propôs que, pela via do desejo ardente, o infante busca restaurar aquilo que já teve e foi dele retirado pela mudança da posição materna na relação com a criança. Enfim, pelo desejo ardente, a criança visaria reencontrar a imagem do seio “bom” e a mãe “suficientemente boa”.

Nessa perspectiva, Winnicott enunciou uma contribuição importante para a problemática da agressividade em psicanálise, na medida em que, na tentativa desesperada de restaurar e de reivindicar o que já teve e se perdeu, a criança teria sido lançada na experiência psíquica que

denominou de *deprivação*. Como se sabe, no discurso teórico de Winnicott, a *deprivação* não é a *privação*. Com efeito, enquanto a primeira supõe que a criança já teve algo de bom, mas que se perdeu e se transformou no objeto, procurando pelo desejo ardente, na *privação*, em contrapartida, a experiência primordial de ter uma mãe “suficientemente boa” não ocorreu para a criança.

Portanto, enquanto a problemática psíquica da *privação* nos indica o campo da psicose, o da *deprivação* nos enuncia, em contrapartida, o da delinqüência e dos atos anti-sociais. Existiria nesses sujeitos ainda a expectativa de que seria possível restaurar algo de bom que já se teve e se perdeu, isto é, existiria, no exercício da agressividade e da violência, algo da ordem da *esperança* e da *expectativa* (*hope*) de que o sujeito poderia reencontrar a dita mãe suficientemente boa.

Imperativo da mediação

Parece-me que o discurso teórico de Lacan se inscreve também nessa mesma linha de desenvolvimento, numa genealogia iniciada por Freud e retomada por Ferenczi, enfatizando também o lugar do outro na dinâmica da pulsionalidade e da pulsão de morte. Não obstante a incidência do discurso teórico de Melanie Klein na sua obra (Thomas 2001), Ferenczi foi também uma referência crucial no discurso teórico de Lacan, desde os seus primórdios (cf. Lacan 1966b [1936] e 1966c [1958]), aliás. Sublinho isso aqui na medida em que, na comunidade psicanalítica, principalmente a lacaniana, se evoca apenas o já famoso “retorno a Freud”, empreendido por Lacan e por este destacado (Lacan 1966d [1953]), e se esquece a importância teórica que tiveram tanto a obra de Ferenczi quanto a de Melanie Klein na formação do seu pensamento.

Porém, no que concerne à problemática da agressividade, o biologismo presente no pensamento kleiniano não incidiu no discurso de Lacan, não obstante a referência à inveja, nas suas relações com a violência

e a criminalidade, nos seus primeiros escritos sobre a paranóia. Assim, em os “Motivos do crime paranóico: o caso das irmãs Papin”, publicado em 1933, Lacan já enfatizava a presença da inveja como motor fundamental na brutal passagem ao ato criminal das empregadas em relação à patroa (Lacan 1975b [1933]). O que estava em pauta aqui, no entanto, era a inveja como fantasma inscrito no registro psíquico, sem qualquer referência à hereditariedade. Como ainda se verá adiante, o discurso teórico de Lacan sobre a agressividade insistiu e enfatizou bastante a dimensão subjetiva presente na experiência agressiva, pela qual critica a sua redução ao registro estrito do comportamento, numa leitura biológica (Lacan 1966e [1948]).

Além disso, é preciso considerar que a problemática da agressividade foi constitutiva do discurso teórico de Lacan, que a elaborou em diferentes níveis de complexidade, tanto conceituais quanto clínicos. Em decorrência disso, o *paradigma clínico* presente no discurso teórico de Lacan não é mais a *histeria*, como em Freud, mas a *paranóia* (Lacan 1966f [1949]). Portanto, a transferência negativa seria fundante da experiência psicanalítica, em oposição à transferência positiva no discurso freudiano, em decorrência da economia do narcisismo que constituiria o eu no estágio do espelho (ibid.).

No que tange a isso, a questão crucial para Lacan é como a agressividade seria o correlato do registro psíquico do eu, de maneira que tal instância psíquica não poderia se constituir sem que a agressividade se institua ao mesmo tempo. Isso porque a condição originária do infante seria a do *corpo fragmentado*, por razões de ordem biológica, em decorrência da desmielinização das fibras nervosas, que ocorrerá apenas tardiamente. No entanto, com a assunção da imagem especular, que seria constitutiva do eu no estágio do espelho, existiria no psiquismo uma *antecipação* imaginária da totalidade corporal, que não estaria presente ainda no registro neural. Aquela se instituiria apenas posteriormente, com a maturação biológica do sistema nervoso, com o esquema corporal, em torno do final do segundo ano de vida do infante (ibid.). Em decorrência disso, existiria uma

decalagem entre a *imagem corporal* (o eu) e o *esquema corporal*, evidenciando uma disjunção entre os registros psíquico e neural. A instância psíquica do eu se ordenaria então em torno de uma imagem sem qualquer referência biológica. Essa decalagem se manteria posteriormente sempre incólume, evidenciando, enfim, a fragilidade imanente da imagem corporal.

Nessa perspectiva, a instância narcísica do eu se ordenaria em torno de uma *imagem* especular, confirmada sempre pelo assentimento materno, que ofereceria assim uma espacialização ao corpo fragmentado e, além disso, uma primeira totalização do psiquismo. O infante aderiria então a essa referência espacial e especular para poder se proteger da sua fragmentação originária. Isso porque essa fragmentação é fonte permanente de terror e horror, constitutiva que seria da matriz dos fantasmas de morte no psiquismo. Em contrapartida, a totalização especular possibilitaria um continente para o psiquismo e o corpo, ao mesmo tempo que se oporia à dispersão originária (ibid.). A resultante disso seria a tensão e o conflito permanentes entre fragmentação e totalização, pelos quais o eu se afirmaria de maneira contínua contra a possível dispersão corporal.

Por isso mesmo, qualquer ameaça à integridade da imagem especular do eu seria fonte de angústia, da ordem do horror e do terror, de sabor marcadamente arcaico. Seria nesse registro primordial do ser que se inscreveriam os fantasmas arcaicos do infante, descritos meticulosamente por Melanie Klein, nos quais as temáticas da morte, da evisceração e do despedaçamento corporal estariam no primeiro plano da cena psíquica. Em consequência disso, a agressividade se produziria no psiquismo, como contrapartida que seria a essa ameaça, como forma primordial de defesa, contra o possível retorno da fragmentação corpórea (Lacan 1966e [1948]).

É preciso agora destacar dois pontos cruciais para que se possam evidenciar as linhas de continuidade teórica entre os discursos de Freud e de Lacan, não obstante a diferença patente de suas retóricas teóricas:

1. A oposição cortante enunciada por Lacan, entre corpo fragmentado e corpo totalizado/especularizado, é uma outra versão para a oposição

freudiana entre pulsão de morte (fragmentação) e pulsão de vida (união). Contudo, se o discurso freudiano enfatiza os registros da pulsão e da representação, o de Lacan, em contrapartida, costura o registro da pulsão com o da imagem.

2. Da mesma forma que no discurso inicial de Freud, no qual a instância do eu e a agressividade se articulam, no discurso teórico de Lacan, o eu luta também insistentemente pela afirmação da vida contra a ameaça de morte, pelo viés do domínio de si e do outro. Por esse caminho fundamental, a vida pela mediação do eu se impõe em face da morte e do despedaçamento psíquico.

Evidentemente, que a figura do espelho – ao mesmo tempo real e metafórica –, retirada da psicologia do desenvolvimento de Wallon (1973b [1931]), indica a existência de um pólo alteritário na constituição do psiquismo. Com isso, Lacan se inscreve na linha teórica estabelecida por Ferenczi, na qual a figura do outro seria fundamental para definir os destinos das pulsões. Não é por um acaso, certamente, que Winnicott retomou o conceito de Lacan de estágio do espelho, no capítulo IX de *O brincar e a realidade* (Winnicott 1975b [1967]), no qual enunciou que o rosto e principalmente o olhar da mãe seriam os percussores psíquicos da experiência especular. Portanto, sem a presença do Outro, como espelho unificante e totalizante do corpo do infante, a fragmentação originária não poderia ser direcionada para a totalização imagética do corpo unificado, pela qual a pulsão de morte seria intrincada finalmente com a pulsão de vida.

Portanto, nesse contexto inicial do seu percurso teórico, Lacan publicou diferentes ensaios e mesmo um livro centrados todos na problemática da agressividade, da violência e da criminalidade. Pode-se afirmar sem pestanejar, por isso mesmo, que Lacan foi um dos construtores do então novo campo da criminologia psicanalítica.

A linha de prumo que atravessava todos aqueles textos era o conflito estabelecido entre os registros do corpo fragmentado e do corpo unificado. Com efeito, de sua tese de doutoramento sobre a paranóia

(Lacan 1975a) e de sua narrativa psicanalítica sobre o crime das irmãs Papin (Lacan 1975b [1933]), passando pelos ensaios sobre o estádio do espelho (Lacan 1966f [1949]) e a agressividade em psicanálise (Lacan 1966e [1948]), até o texto sobre a criminologia do começo dos anos 1950 (Lacan e Cénac 1950), o que estava sempre em pauta era a dimensão paranoíca que marcaria o eu e regularia a agressividade de forma imanente. Isso porque seria preciso afirmar a vida pela manutenção insistente da unidade corporal do eu, custe o que custar, contra qualquer ameaça de fragmentação corpórea.

Entretanto, justamente porque essa afirmação da totalização do eu contra a possível fragmentação do corpo é sempre instável e débil, é que seria necessário a presença insistente de uma *mediação* para que ela pudesse ser efetiva. Essa mediação seria exatamente a representação do Outro no psiquismo. Se a figura do espelho foi o primeiro mediador enunciado no discurso teórico de Lacan, logo em seguida, contudo, nos anos 1950, os registros da fala e da linguagem foram alçados a essa condição fundamental (Lacan 1966d [1953]). Isso porque, pela sua complexidade e, principalmente, pela sua dimensão temporal, a linguagem poderia melhor se contrapor à fragmentação corpórea. Pelo discurso, com efeito, o *pacto social* poderia ser instituído, fundando *laços sociais* que possibilitariam as relações de trocas entre os diferentes sujeitos. A interdição do incesto aqui se inscreveria pela mediação do complexo de Édipo, que produziria então a “normalização” do psiquismo contra a fragmentação corpórea. O ensaio de Lacan sobre a criminologia já indicava isso no que concernia à agressividade e ao crime (Lacan e Cénaca 1950).

Assim, seria pela mediação da linguagem que o sujeito poderia encontrar uma forma de “normalização” simbólica, pela qual o registro temporal possibilitaria uma outra forma de regulação psíquica entre a fragmentação do corpo e a imagem narcísica do eu. Com isso, o sujeito se inscreveria no registro *simbólico* e não no *imaginário*. Portanto, pela escansão temporal possibilitada pela linguagem, o imperativo espacializante da imagem seria relativizado, de forma a retirar o sujeito da lógica artesanal

da guerra, fundada que esta seria na estrutura espacial e especular (Lacan 1966e [1948]), na qual se inscreveria a agressividade. A ordem da lei simbólica e o pacto social como o seu correlato, enfim, seriam agora então possíveis e instituídos.

Evidentemente, toda essa construção forjada pelo discurso teórico de Lacan foi fundada na “dialética do senhor e do servo”, enunciada por Hegel em *A fenomenologia do espírito* (Hegel 1941 [1807]). O imperativo da mediação e da *negatividade* são categorias eminentemente hegelianas, em suma, sobre as quais Lacan realizou uma leitura psicanalítica.

Fio de prumo

Diferentes questões foram levantadas e desenvolvidas ao longo deste percurso, mas o fio de prumo que alinhava o que foi dito, no fundamental, é que a problemática da agressividade em psicanálise, com suas conseqüências nefastas para os sujeitos e as sociedades, deve ser concebida da articulação entre os registros do sujeito e do outro. Foi essa linha de investigação que pude encontrar e enfatizar na genealogia do discurso psicanalítico que procurei esboçar, iniciando-se com Freud e que teve em Ferenczi o seu intérprete fundamental, através do qual as leituras posteriores de Lacan e de Winnicott foram forjadas.

É claro que as figuras do outro, nesses vários discursos, não são a mesma, diversificando-se em diferentes figuras e concepções teóricas. Com efeito, a figura do Outro no discurso teórico de Lacan, fundado nos registros da linguagem e do discurso, não tem qualquer ponto de tangência com a do outro em Winnicott, centrado que este é na figura materna. Porém, ambos salientaram o imperativo da alteridade, representado pela mediação do outro como condição constitutiva do sujeito. Insisto aqui, portanto, nas linhas de continuidade presentes neste delineamento do arquivo da agressividade em psicanálise, para retomar então as suas efetivas e patentes diferenças numa outra ocasião.

Referências

- Bastide, Roger 1950: *Sociologie et psychanalyse*. Paris, PUF.
- Birman, Joel 1988: “Desatar com atos”. In: *Percursos na história da psicanálise*. Rio de Janeiro, Taurus.
- _____. 2004: “Excesso e ruptura na subjetividade hipermoderna”. *Cadernos de Psicanálise*, ano 26, n.17, pp. 175-95.
- Ferenczi, Sandor 1974a [1919]: *Psychanalyse 3. Oeuvres completes*. v. 3. Paris, Payot.
- _____. 1974b [1926]: “La technique psychanalytique”. In: Ferenczi 1974a [1919].
- _____. 1982a: *Oeuvres completes*. v. 4. Paris, Payot.
- _____. 1982b: “Elasticité de la technique psychanalytique”. In: Ferenczi 1982a.
- _____. 1982c [1932]: “Confusion de langue entre les adultes et l’ enfant”. In: 1982a.
- _____. 1982d [1929]: “L’ enfant mal accueilli et la pulsion de mort”. In: 1982a.
- Freud, Sigmund 1962 [1905]: *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris, Gallimard.
- _____. 1968a: *Metapsychologie*. Paris, Gallimard.
- _____. 1968b [1915]: “Pulsions et destins des pulsions”. In: Freud 1968a.
- _____. 1971a: “Psychothérapie de l’ hystérie”. In: Freud e Breuer 1971 [1895].
- _____. 1971b: *Cinq psychanalyses*. Paris, PUF.
- _____. 1971c [1905]: “Fragment d’ une analyse d’ hystérie (Dora)”. In: Freud 1971b.
- _____. 1971d [1909]: “Analyse d’ une phobie chez un petit garçon de Sans (Le petit Hans)”. In: Freud 1971b.
- _____. 1971e [1930]: *Malaise dans la civilisation*. Paris, PUF.
- _____. 1973a: *Névrose, psychose, perversion*. Paris, PUF.

- Freud, Sigmund 1973b [1910]: “Le trouble psychogène de la vision dans la conception psychanalytique”. In: Freud 1973a.
- _____ 1973c: *La vie sexuelle*. Paris, PUF.
- _____ 1973d [1914]: “Pour introduire le narcissisme”. In: Freud 1973c.
- _____ 1973e [1924]: “Le problème économique du masochisme”. In: Freud 1973a.
- _____ 1989a *Essais de psychanalyse*. Paris, PUF.
- _____ 1989b [1923]: “Le moi et le ça”. In: Freud 1989a.
- _____ 1989c [1920]: “Au-delà du principe du plaisir”. In: Freud 1989a.
- Freud, Sigmund e Breuer, Joseph 1971 [1895]: *Études sur l’hystérie*. Paris, PUF.
- Groddeck, George 1969: *La maladie, l’art et le symbole*. Paris, Gallimard.
- Groddeck, George e Freud, Sigmund 1977: “Correspondance George Groddeck-Sigmund Freud”. In: Groddeck, G. *Ça et moi*. Paris, Gallimard.
- Hegel, Guilherme F. 1941 [1807]: *La phénoménologie de l’esprit*. Paris, Aubier, cap. 4.
- Kaufmann, Pierre (coord.) 1996: “Agressividade”. In: *Dicionário enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Klein, Melanie 1975: *Envy and gratitude & other works (1946-1963)*. Londres, Hogarth Press.
- Lacan, Jacques 1966a: *Écrits*. Paris, Seuil.
- _____ 1966b [1936]: “Au-delà du Principe de Realité”. In: Lacan 1966a, p. 85.
- _____ 1966c [1958]: “Variantes de la cure-type”. In: Lacan 1966a, p. 34.
- _____ 1966d [1953]: “Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse”. In: Lacan 1966a.

- Lacan, Jacques 1966e [1948]: “L’agressivité en psychanalyse”. In: Lacan 1966a.
- _____ 1966f [1949]: “Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je”. In: Lacan 1966a.
- _____ 1975a: *De la psychose, paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité suivi de Premiers Écrits sur la paranoïa*. Paris, Seuil.
- _____ 1975b [1933]: “Motifs du crime paranoïaque: le crime des soeurs Papin”. In: Lacan 1975a.
- Lacan, Jacques e Cénac, Michèle 1950: “Pressupposés à tout développement de la criminologie”. In: Lacan, Jacques 1966: *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil.
- Laplanche, Jean e Pontalis, Jean-Bertrand 1967: “Agressivité”. In: *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris, PUF, p. 15.
- Major, Renè 2003: *La crauté et la psychanalyse*. Paris, Galilée.
- Morin, Edgard 1994: *La complexité humaine*. Paris, Flammarion.
- Roudinesco, E. e Plon, M. 1997: “Aichornn, August”. In: *Dictionnaire de psychanalyse*. Paris, Fayard, pp. 25-6.
- Thomas, Marie-claude 2001: *Études des concepts kleinien dans l’oeuvre de Jacques Lacan. Conséquences pour la psychanalyse d’enfant*. Lille, Atelier National de Reproduction des Thèses.
- Wallon, Henri 1973a [1934]: *Les origines du caractère chez l’enfant*. Paris, PUF.
- _____ 1973b [1931]: “Comment se développe chez l’enfant la notion de corps proper”. In: Wallon, 1973a [1934].
- Winnicott, Donald W. 1975a: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago.
- _____ 1975b [1967]: “O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”. In: Winnicott 1975a.
- _____ 2000a: *La crainte de l’effronnement et autres situations cliniques*. Paris, Gallimard.
- _____ 2000b [1959]: “Compte rendu et critique de *Envie et gratitude*”. In: Winnicott 2000a.

- Winnicott, Donald W. 2000c [1969]: “Contribution à un symposium sur l’envie et la jalousie”. In: Winnicott 2000a.
- _____ 2000d [1962]: “La théorie de l’envie chez Melanie Klein: premiers éléments d’une critique”. In: 2000a.
- _____ 2000e [1963]: “Une note sur un cas où l’envie entre en jeu”. In: Winnicott 2000a.
- _____ 2000f [1968]: “Les racines de l’agressivité”. In: Winnicott 2000a.

Recebido em 4 de maio de 2006.

Aprovado em 15 de dezembro de 2006.